

ele, passa a assumir uma espécie de compromisso com os outros para lutar contra isso (...)” (p. 118).

“Para mim anarquismo é o seguinte: todo aquele que deixa os vícios adquiridos no sistema burguês, deixa de ser escravo de todo o vício que o sistema criou do qual você participa pouco ou muito, uso de drogas. A liberação de todos esses vícios, participar com a companheira e os filhos desse desejo de liberdade. Iniciar essa educação com os filhos. Considerar a tua companheira com os mesmos direitos e não considerar que ela deve só ficar em casa, na cozinha e no tanque. Se você não está preparado nesse sentido, não está preparado para criar uma sociedade anarquista”(p. 228).

A leitura desse oportuno livro nos ajuda a compreender que numa definição da ética anarquista a ênfase deve ser dada às formas de subjetivação e de suas práticas, pois ela se volta mais para o indivíduo do que para um código ou outra regra explícita; a importância não recai sobre um conteúdo exterior, mas nas atitudes que fazem os indivíduos atingirem modos de ser; trata-se de um saber-fazer que reúne modos de subjetivação, elementos de ascese e práticas de liberdade. É que a vida anarquista diz: liberdade se vive.

retratando e apagando | Gabriel Passetti*

Paul Avrich. *Anarchist portraits*. Princeton, Princeton University Press, 1988, 316 pp.

Paul Avrich, historiador do anarquismo e professor do Queens College em Nova York, publicou em 1988

* Estudante de História na USP e integrante da Klepsidra — Revista Virtual de História (www.klepsidra.net).

sua obra *Anarchist Portraits*, uma compilação de artigos já publicados, entrecortados por alguns escritos inéditos sobre diversos anarquistas. Nele estão os mais importantes e reconhecidos, como Bakunin, Kropotkin e Makhno, pouco conhecidos, como J. W. Fleming e esquecidos, como Gustav Landauer.

O livro está dividido em três partes: “Rússia”, “América” (leia-se EUA) e “Europa e o Mundo” (leia-se Brasil e Austrália). Parece contraditório dividir anarquistas em nacionalidades, ainda mais se pensarmos no anarquismo nos EUA, formado basicamente de imigrantes. A divisão é defendida com base no entendimento de que “anarquismo é a defesa do indivíduo e da diversidade, contra a uniformização, prezando pelas diferenças entre as pessoas e povos — cultural, lingüística e historicamente” (p. 176). Sendo assim, é justificável dividi-los em países ou áreas geográficas para estudá-los dentro de uma mesma sociedade.

A proposta é entender as bases do fortalecimento do anarquismo nos EUA e apresentar seus pressupostos, ideólogos e pontos de vista ao público leitor estadunidense. Portanto, ao abordar a atuação dos anarquistas russos, Avrich dedica longos capítulos às suas passagens pelos EUA. Para ele, o movimento foi alimentado pela chegada de imigrantes europeus e perdeu força devido à incessante perseguição do Estado, da burguesia, da imprensa e à inserção dos filhos dos recém-chegados ao *american way of life*.

O Anarquismo sempre gerou uma reação contrária muito forte nos EUA, talvez por ser visto por alguns como a potencialização de seu liberalismo — já levada ao limite por Henry David Thoreau e seus clássicos *Walden* e *Desobediência civil* — com a abolição do Estado e da propriedade privada. Os anarquistas até as últimas manifestações anti-globalização em Seattle, são identificados como extremamente perigosos e contra os prin-

cípios daquela sociedade, portanto sujeitos a serem caçados.

A difamação e a perseguição criaram uma imagem extremamente negativa dos anarquistas, tidos como meros assassinos e terroristas, principalmente após o homicídio do presidente McKinley (1901) — atribuído a um suposto anarquista. Com a Revolução Russa, a repressão se tornou mais aberta e aclamada pela burguesia. Entretanto, durante as lutas estudantis dos anos 60 e 70, o movimento ganhou força mais uma vez, e é neste ponto que entra *Anarchist portraits*.

O livro defende a tese de que entre o final do século XIX e o início do XX houve uma inversão de valores nos EUA, com a repressão direta aos anarquistas. Usando seu poder, força repressora e monopólio da violência, o Estado prendeu, assassinou, extraditou e censurou uma quantidade incontável de anarquistas — imigrantes ou nativos, interceptando a formação de uma sociedade libertária.

Foi um início de século XX semelhante, lá nos EUA e aqui no Brasil. Por isso, chama a atenção do leitor brasileiro o fato de Avrigh dedicar um capítulo de sua obra aos anarquistas brasileiros. O Brasil é o único país da América Latina a merecer destaque, apesar do autor afirmar que o movimento foi ainda mais forte na Argentina. Entretanto, aqui teriam vivido “algumas das mais interessantes figuras de toda a história do anarquismo” (p. 256). A Polinice Mattei, Giovanni Rossi, Oreste Ristori, Gigi Damiani, Everardo Dias, Benjamin Mota, Florentino de Carvalho, Neno Vasco, Paulo Berthelot, Edgard Leuenroth, Manuel Moscoso, Fábio Luz e José Oiticica, dedicou cinco páginas, um parágrafo a cada. É inquietante a descrição e a análise destes anarquistas. Assim como no caso dos estadunidenses, eles são em sua ampla maioria imigrantes ou descendentes. Nas poucas linhas, Avrigh cita acontecimentos de fundamen-

tal importância para nossa história, como a Colônia Cecília, a greve geral de 1917 e o apoio inicial à Revolução Russa.

Paul Avrich nos leva a uma visão diferente sobre os anarquistas da virada do século daquela geralmente encontrada na historiografia. Usando como estratégia os pequenos capítulos — retratos — sobre a vida e a atuação destas pessoas, mostra um outro lado do anarquismo, no qual militância, pensamento e relações interpessoais são realçadas como modos de explicitar as mais diversas formas de viver e conviver anarquistas.

Ao mesmo tempo em que lembra pensadores que defendiam ação direta, terrorismo, assassinato e conspiração, também apresenta e defende outras visões do anarquismo, fundamentadas nas liberdades individuais e em diversos métodos para o estabelecimento de uma vida anarquista.

Avrich deixa clara sua escolha dentro dos mais diversos anarquismos. Sem conseguir afastar-se de um juízo de valores, acaba por passar ao leitor imagens extremamente positivas e até mitificadas de, por exemplo, Bakunin, Kropotkin e Sacco e Vanzetti. Entretanto, por não explicitar suas preferências, acaba contribuindo para a construção de estereótipos bastante negativos de anarquistas que optaram por outras formas de pensar e atuar que não a de sua preferência.

Neste sentido, não foge da velha escola historiográfica que se especializou em atacar a atuação das pessoas, quando não as apagou de sua História. Emma Goldman é um destes casos de esquecimento. A militante anarquista mais importante dos EUA está relegada a um papel ínfimo tanto para o pensamento quanto para a atuação no movimento naquele país e na Europa. Ela é apresentada como mera companheira de Alexander

Berkman e lembrada pelo seu contato com o desconhecido Fleming.

Apesar das circunstâncias e modos de vida dos anarquistas descritos por Avrich serem os mais diversos, há também algumas linhas gerais que os unem — além de seu ideal. Todos, sem exceção, foram presos e perseguidos, e a grande maioria foi deportada — inúmeras vezes. O mais marcante, contudo, é a dedicação intensa que estas pessoas deram aos seus pressupostos e escolhas pela vida libertária.

Seja como trabalhadores, intelectuais, palestrantes, editores de jornal ou tradutores, eles aplicaram em suas vidas o que entendiam ser uma sociedade justa, livre e libertária. Narrando a vida destas pessoas, seus dilemas, lutas, e perseguições, Paul Avrich mostra que o anarquismo era um movimento social muito forte e busca entender por que, como e quando o movimento reapareceu com força entre os jovens nos anos 60 e 70 nos EUA.

Insatisfeitos com a discriminação, a guerra, a violência e a intromissão do Estado na vida das pessoas, surgiram inúmeros movimentos sociais naquelas décadas, tais como os hippies, o feminismo, o movimento negro, o ecológico e os pacifistas. Lendo os clássicos pensadores libertários, tais grupos trouxeram de volta aos estudantes algumas discussões, mesmo sem encampar abertamente o anarquismo, que haviam sido caladas décadas atrás pelo Medo Vermelho nos EUA, assim como pelo Terror Vermelho, na URSS e pela decepção decorrente do desfecho da Guerra Civil Espanhola.

E é neste campo que o livro mostra sua atualidade. Em um momento no qual o Estado, a representatividade eleitoral e o aparato militar estão cada vez sendo menos questionados, e pelo contrário, sendo sacralizados pela direita e pela esquerda, ler e pensar

sobre *Deus e o Estado* (Bakunin), *Catecismo de um revolucionário* (Nechaev) e *Ajuda mútua* (Kropotkin), por exemplo, e sobre a importância de jornais e revistas no passado, traz de volta questões que jamais deixaram de ser pertinentes e mostram a importância da retomada deste tipo de leitura e atividades nos tempos atuais.

Nada, ou quase nada, mudou neste sentido no último século. O Estado continua sendo aclamado como a melhor forma de convívio social, a polícia e o exército continuam existindo a serviço da manutenção da ordem social vigente, da exploração e da violência. Até os mártires continuam sendo criados.

Se para os anarquistas de décadas atrás eram Sacco e Vanzetti, ou os executados do caso Haymarket que eram lembrados como assassinatos políticos, hoje em dia temos o italiano Carlo Giuliani morto em Gênova, ou as dezenas de argentinos, brasileiros, colombianos, peruanos, uruguaios, etc, investigados, perseguidos e presos por suas convicções libertárias e contestação ao *status quo* quando saem às ruas para protestar e se enfrentam com a polícia.

Se às vezes nos sentimos como o britânico J. W. Fleming, que sozinho em sua esquina na Austrália jamais desistiu de seus ideais e palestras anarquistas contra o desemprego, os trabalhistas e as guerras, devemos lembrar também das intensas vidas destes anarquistas descritos por Paul Avrich. Gente como Kropotkin ou Berkman, que à sua maneira e pressupostos, aderiram ao anarquismo, pensaram e divulgaram seu ideal, vivendo uma vida libertária em meio a respostas as mais variadas da sociedade — situadas entre os extremos de simpatia aos operários e à hostilidade direta à burguesia, à grande imprensa e ao Estado.